



Oriente Médio

Paquistão responde a ataque e mata 9 em bombardeio ao sudeste do Irã

— Governo paquistanês afirma ter atingido base de grupo separatista na fronteira; regime iraniano critica operação militar, mas tenta reduzir tensão com país vizinho

ISLAMABAD

O Paquistão fez ontem ataques aéreos dentro do Irã, um dia depois que aviões iranianos atacaram supostos campos de militantes em território paquistanês. Segundo a chancelaria do Paquistão, os bombardeios de ontem foram “de precisão” contra bases terroristas. Teerã informou que nove pessoas morreram, incluindo quatro crianças.

O governo do Paquistão disse ter atacado sete locais usados por separatistas que lutam pela independência do Baluchistão – região tripartida entre Irã, Paquistão e Afeganistão –, cerca de 50 quilômetros dentro do território iraniano. A Força Aérea paquistanesa utilizou caças e drones nos ataques.

Os bombardeios de ontem foram uma resposta aos ataques do Irã dentro do território paquistanês, na terça-feira. Segundo o regime iraniano, o objetivo da ofensiva era destruir campos de treinamento de militantes sunitas responsáveis pelo atentado que matou 84 pessoas no início do ano, durante cerimônia de homenagem ao general Qassim Soleimani, morto em 2020.

SOBERANIA. A resposta do Paquistão marcou a primeira vez desde o fim da guerra Irã-Iraque, há mais de 30 anos, que o espaço aéreo do Irã foi violado

por caças de outro país. O Ministério das Relações Exteriores do Irã condenou os ataques, chamando-os de inaceitáveis e dizendo que a segurança e integridade territorial do país são inegociáveis.

O ministro do Interior do Irã, Ahmad Vahidi, disse que entre os nove mortos estavam quatro crianças e três mulheres. Falando à TV estatal, ele disse que todos eram paquistaneses – e não eram cidadãos iranianos, mortos perto da cidade de Saravan. Na mesma declaração, no entanto, Vahidi tentou colocar panos quentes na crise, se referindo ao Paquistão como “um vizinho amigável” que tem uma “relação fraterna” com Teerã.

APOIO REGIONAL. Sentido-se cada vez mais fortalecido, o Irã tem usado milícias aliadas contra Israel desde o início da guerra em Gaza, em outubro, após os ataques do Hamas que mataram mais de 1,2 mil israelenses. O Hezbollah, no Líbano, os houthis, no Iêmen, grupos xiitas que atuam no Iraque, além do governo da Síria, vêm trocando fogo com o Exército de Israel e forças americanas estacionadas no Oriente Médio.

As provocações iranianas, e agora os ataques do Irã contra países da região, aumentaram o risco de que a turbulência que assola o Oriente Médio possa envolver múltiplas frentes. O regime iraniano tem ten-

TENSÃO REGIONAL

Iranianos e paquistaneses realizaram operações militares nos últimos dias

Grupos separatistas atuam na divisa entre Irã e Paquistão



INFOGRÁFICO: ESTADO

tado projetar força, ameaçado por um movimento interno de contestação de mulheres e estudantes que exigem o fim da repressão cultural, além dos recentes ataques dentro de suas fronteiras que o fizeram parecer vulnerável.

ISRAEL. As atividades militares do Irã também seriam consequência da recente aproximação entre Israel e Arábia Saudita, maior rival regional do regime xiita dos aiatolás – os dois países estavam perto de normalizar suas relações diplomáticas pouco antes do ataque terrorista do Hamas. ● NYT, AFP e AP

EUA lançam quinto ataque contra rebeldes houthis no Iêmen

Forças dos EUA realizaram ontem o quinto bombardeio contra instalações militares dos rebeldes houthis no Iêmen. O presidente americano, Joe Biden, no entanto, reconheceu que a pressão não havia interrompido os ataques dos militantes iemenitas, apoiados pelo Irã, contra embarcações que cruzam no Mar Vermelho, prejudicando o transporte marítimo global.

Os ataques de ontem destruíram dois mísseis antiaéreo dos houthis, “que estavam apontados para o sul do Mar Vermelho e preparados para ser lançados”, de acordo com o Comando Central dos EUA. Os ataques foram conduzidos por caças da Marinha, informou o Pentágono.

Ontem, Biden garantiu que os EUA continuarão com os ataques no Iêmen. “Se as operações estão funcionando e contendo os houthis, não. Se elas vão continuar, sim”, afirmou o presidente americano. ● AP

Premiê rejeita Estado palestino após a guerra

JERUSALÉM

O primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, disse ontem que já comunicou aos EUA que rejeita a criação de um Estado palestino em qualquer cenário após a guerra em Gaza, declarando que só concordará com um acordo que conceda ao governo israelense o controle total da segurança de todo o território a oeste do Rio Jordão – uma referência à

área que inclui a Cisjordânia, região que os palestinos esperam transformar em Estado independente. “Isso entra em conflito com a ideia de soberania. Mas o que podemos fazer?”, disse o premiê.

O governo americano criticou as declarações de Netanyahu. Matthew Miller, porta-voz do Departamento de Estado, defendeu a solução de dois Estados. “Não há como resolver os desafios de longo prazo, para proporcionar segurança du-

radoura, e não há como resolver as questões de curto prazo, para reconstruir Gaza e proporcionar segurança, sem a criação de um Estado palestino”, disse.

John Kirby, porta-voz do Conselho de Segurança Nacional dos EUA, afirmou ontem que não haverá reocupação israelense após a guerra. “Haverá uma Gaza pós-conflito, mas não haverá reocupação”, disse Kirby a repórteres a bordo do avião presidencial Air Force One.

PRESSÃO DOS EUA. O governo de Israel, no entanto, tem rejeitado repetidamente a pressão americana, dizendo que o Exército está concentrado na

guerra em Gaza. “Eu disse tudo isso aos nossos amigos americanos, e também vetei a tentativa de impor uma realidade que prejudicaria a segurança

Pós-guerra Netanyahu defende que Israel tenha controle de todo o território a oeste do Rio Jordão

de Israel”, afirmou ontem Netanyahu. “O primeiro-ministro precisa ser capaz de dizer não, mesmo aos nossos melhores amigos.”

Falando sobre a guerra, Netanyahu prometeu não comprometer o objetivo de Israel

de obter uma “vitória total” sobre o Hamas e pediu novamente aos israelenses que se preparassem para “longos meses de luta”. “Continuaremos a lutar com toda a força até alcançarmos todos os nossos objetivos: o retorno de todos os nossos reféns. E, repito, apenas a pressão militar levará à libertação deles.”

ATAQUES. Israel prometeu aniquilar o Hamas após os ataques de 7 de outubro, que mataram 1,2 pessoas no sul do país, a maioria civis. Na ocasião, o grupo palestino sequestrou 240 pessoas. Cerca de 100 foram libertadas. Dos 132 reféns restantes, 27 teriam morrido.

● NYT